

Cartas: um instrumento desvelador que faz a diferença no processo educacional

Carla Netto
Carla Spagnolo
José Florentino
Lisandra Amaral
Silvana Zancan
Leda Lisia Franciosi Portal ¹

RESUMO - O presente artigo tem como intuito discutir Cartas como um instrumento de pesquisa, a partir do projeto intitulado “Inteligência Espiritual: ampliação da consciência na prática docente em ambientes educativos formais de comunidades ribeirinhas”, desenvolvido em duas escolas do Pará. No âmbito desse projeto foram analisadas 21 cartas escritas pelos alunos do ensino fundamental sobre os professores que fazem a diferença em sala de aula. Assim, o objetivo deste artigo é refletir sobre as possibilidades das cartas como um instrumento de pesquisa e no que elas desvelam. A partir da análise das cartas escritas pelos alunos das escolas do Pará, duas categorias emergiram sobre os professores que fazem a diferença em sala de aula: características pessoais e estratégias didáticas. Essas características apontadas pelos alunos nos levaram a refletir sobre o perfil e o papel do professor na sala de aula. Numa tentativa de síntese provisória, as cartas como instrumento de pesquisa podem revelar muito mais do que a visão dos alunos a respeito de seus professores. Podemos observar que as cartas são instrumentos reveladores que anunciam a verdade expressando os sentimentos, os sonhos e opiniões de uma forma muito espontânea. Esse instrumento representa uma atitude pessoal e autêntica, favorecendo situações de autoconstrução do sujeito pesquisado. Palavras-chave: Cartas. Instrumento de Pesquisa. Prática pedagógica. Desenvolvimento pessoal e espiritual. Afetividade.

Letters: A survey instrument unveiled who makes a difference in the education process

ABSTRACT - This article is intended to discuss letters as a research tool from the project entitled "Spiritual Intelligence: increased awareness in teaching in formal learning environments of coastal communities", developed into two schools of Pará. As part of this project were analyzed 21 letters written by elementary students about teachers who make a difference in the classroom. The objective of this paper is to discuss the possibilities of the cards as a research tool and what they reveal. From the analysis of letters written by school children from Pará, two categories emerged about teachers who make a difference in the classroom: personal characteristics and teaching strategies. These characteristics pointed out by the students led us to ponder the role of the teacher and the classroom. In an attempt to synthesize provisional letters as a research tool can reveal much more than students' views about their teachers. We can see that the letters are instruments revealing the truth advertising expressing feelings, dreams and opinions in a very spontaneous. This instrument represents a personal attitude and authentic self-favoring situations the research subject.

Keywords: Letters. Research Tool. Pedagogical practice. Personal and spiritual development. Affectivity.

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Introdução

Certa vez um professor disse que para um sujeito tornar-se realmente um professor, ele precisava carregar dois sentimentos: paixão e compaixão. Paixão, porque o pleno exercício da profissão, embora exija muitos sacrifícios pessoais, enche o espírito de alegria. E compaixão, no sentido mais humanista que essa palavra possa adquirir, porque imbuído dela o professor jamais deixará de perceber um aluno na sua essência, como um ser único.

Dessa forma, para tornar-se professor, é preciso muito mais que o domínio do conteúdo e competência metodológica. São necessárias doses significativas de afeto e sensibilidade para perceber o outro em sua totalidade. Alves (2002, p. 01) aponta que:

Toda experiência de aprendizagem se inicia com uma experiência afetiva. É a fome que põe em funcionamento o aparelho pensador. Fome é afeto. O pensamento nasce do afeto, nasce da fome. Não confundir afeto com beijinhos e carinhos. Afeto, do latim "affetare", quer dizer "ir atrás". É o movimento da alma na busca do objeto de sua fome. É o Eros platônico, a fome que faz a alma voar em busca do fruto sonhado.

Para Serra (2011), uma prática pedagógica que considera relações afetivas está diretamente ligada à atenção dada aos alunos. Tendo em vista a sala de aula como um espaço no qual é possível o desenvolvimento do ser humano em todas as suas dimensões.

O objetivo deste estudo é de refletir sobre as possibilidades das cartas como um instrumento de pesquisa e no que elas desvelam. No âmbito do projeto de pesquisa intitulado "Inteligência Espiritual: ampliação da consciência na prática docente em ambientes educativos formais de comunidades ribeirinhas",

desenvolvido em duas escolas do Pará, foram analisadas 21 cartas entregues a alunos do ensino fundamental.

A partir da análise das cartas, duas categorias emergiram sobre os professores que fazem a diferença em sala de aula: características pessoais e estratégias didáticas. Essas características apontadas pelos alunos nos levam a refletir sobre o perfil e o papel do professor na sala de aula.

Estamos vivendo num tempo de grande ausência de valores e de referências sociais e espirituais, assim como, uma imensa falta de ética. A escola deve ser um espaço que leve em conta todas as dimensões do ser humano, não apenas o saber (conteúdo) o saber fazer (técnica), mas também o saber ser e o saber conviver.

2. Cartas: um instrumento de pesquisa desvelador de um professor que faz a diferença

O ofício de escrever cartas apresenta diferentes funções em nossa sociedade, uma carta pode ter caráter privado, onde confissões podem ser reveladas somente para quem se destina ou também pode apresentar caráter público como cartas autobiográficas que não possuem destinatário definido.

O ato de escrever uma carta permite ao escritor tomar distância para uma reflexão, retomar uma frase antes de lançá-la ao destinatário, reler o texto para melhor compreender seu significado e normalmente expressar muita emoção e sentimentos que ficam registrados por tempo indeterminado.

Além disso, a troca de cartas possibilita um diálogo mediado pela escrita permitindo levantar questões, esperar respostas, prolongar a compreensão de uma noção de um texto, até o mais profundo de si mesmo (BRANDÃO, 2005)

A escrita de cartas apresenta um caráter dialógico virtual contemplando diversas formas de expressão entre os correspondentes. Ao escrever uma carta, o sujeito imprime suas emoções e ao socializar sua escrita torna esse registro interacional de situações interpessoais e acontecimentos que são produzidos e trocados entre diferentes atores sociais.

A leitura de uma carta pelo outro possibilita uma troca de interpretações permitindo o confronto das significações de valores. Tal confronto de ideias pode ampliar, modelar, ressignificar as próprias representações valendo-se do diálogo com o outro. (LINS e SILVA, 2004).

Para Chartier (1991), uma carta não envolve apenas uma produção textual individual, mas sim um processo que segue um ritual ao passar de mão em mão, ao ser colocado no correio, ao ser lida e corrigida sob o olhar do outro e mesmo assim sempre preserva sua característica de refúgio privilegiado do sentimento, da intimidade, da verdade do eu.

Uma das principais características de uma carta está no fato de ser espontaneamente pensada, anunciando a verdade de uma experiência do autor. Além disso, a troca de palavras escritas que a correspondência permite são certamente os meios para pensar por si mesmo sob o crivo do pensamento do outro (CHARTIER, 1991).

A escrita é uma maneira de expressão através de símbolos. Através do ato de escrever é possível desenvolver distintas competências e habilidades, além de possuir grande representatividade como um meio de comunicar-se, inevitavelmente na era digital e virtual o qual vivemos atualmente.

Para Jolibert (2006), escrever é produzir textos de acordo com necessidades e projetos: cartas, cartazes, receitas, notícias, histórias, poemas, etc. A autora apresenta a utilidade de escrever um texto: “[...] um texto comunica alguma coisa, narra alguma coisa, explica, informa, incentiva, entretém, etc.” (JOLIBERT, 2006, p.192).

Além de argumentar sobre o poder o prazer da produção de um texto, na medida em que, através da escrita, é possível expressar sentimentos, sonhos e opiniões. “Escrever é uma atitude totalmente pessoal, um processo complexo que articula os aspectos eminentemente pessoais, que são a representação, a memória, a afetividade, o imaginário [...]” (JOLIBERT, 1994, p. 44).

Dentre os diferentes tipos de textos existentes, incluem-se as cartas, que são o objeto de estudos que originou o assunto e estudo deste artigo. As cartas podem ser bem diversas, pois pode apresentar-se de forma manuscrita, digitadas, ou pode ser pessoais ou institucionais, afetivas ou informativas, além de ser para convidar ou solicitar.

Jolibert (1994) diz que o texto deve ser entendido como todo escrito autêntico, integral, que responde a uma determinada situação efetiva, serve para comunicar, ou seja, expressar, informar, contar, descrever, explicar, argumentar

e fazer entrar em jogo a função poética da linguagem.

Em seu relato de experiência, Moraes (2006) destaca a utilização de cartas como recurso de coleta de informações para estudar a história de leituras de professores de Parintins-AM. A autora justifica a escolha das cartas como instrumento metodológico pelo desejo de realizar uma pesquisa voltada para o contexto amazônico, mas a distância era um impedimento, pois cursava seu Doutorado em São Paulo. De fato a utilização do recurso das cartas pode ultrapassar fronteiras e encurtar caminhos expandindo as áreas de exploração para realização de coletas de dados.

Cunha (2008) também faz uso das cartas como instrumento de pesquisa e a partir da análise de trechos dessas cartas, procura dar ênfase às narrativas que tratam do cotidiano escolar de professoras onde estão descritas/representadas as situações vivenciadas no dia-a-dia da sala de aula destacando os significados atribuídos a seu papel de professoras primárias. Para o autor, o uso das cartas contribui pelo seu caráter espontâneo, levando a uma leitura muito rica em detalhes que favorece uma análise detalhada do cotidiano dessas professoras.

As cartas exercem essa função autêntica quando seus escritos contam e expressam sentimentos e anseios. São utilizadas como meio de comunicação desde a antiguidade. Para Gastaud (2009), carta é um objeto escrito para comunicar algo a alguém. Quando alguém escreve uma carta, o que mobiliza é a intenção e “o projeto de dizer”. Na escola, alguns livros didáticos abordam carta como conteúdo a ser

trabalhada no processo de aprendizagem. Conteúdo que pode ser compreendido como relevante, quando além de incentivar e motivar a produção textual, pode auxiliar no estímulo do desenvolvimento da inteligência emocional.

3 O Fazer Pedagógico: o papel do professor no processo de ensino e aprendizagem

Ao falarmos do fazer pedagógico, de metodologia, é imprescindível definirmos qual a concepção que se tem desse termo. Metodologia é um caminho, um ‘modo de fazer’, que se utiliza de métodos, estratégias, recursos, técnicas, etc., conduzindo a resultados, sejam eles positivos ou negativos.

A questão metodológica está diretamente relacionada aos referenciais epistemológicos adotados pelo professor, ou seja, as suas crenças, seus conceitos, seus pressupostos, aquilo que ele acredita. Daí a necessidade de um constante questionamento em relação a esses referenciais, buscando sempre uma coerência entre os objetivos sociais e os objetivos de ensino.

É de extrema importância num contexto educacional o professor ter bem presente que o seu papel é o de propiciar ao aluno situações de autoconstrução. E isso significa que o é responsável pelo seu aprendizado, que o professor é mediador dessa autoconstrução e referência para o aluno.

Portanto, sendo referência, além dos conteúdos específicos e através da metodologia, o professor ensina a sua noção de mundo, os seus referenciais, suas crenças, seus valores, seus conceitos, seus ideais, seus pressupostos, ou seja, o seu Eu.

Esses princípios estão presentes no fazer pedagógico e são expressos através da metodologia usada, das ações e atitudes do professor dentro da sala de aula. Querendo ou não, a escolha da metodologia a ser usada não é neutra. Ela tem uma intencionalidade, mesmo que inconsciente, e está baseada nos referenciais do professor, naquilo que ele acredita. Por isso, é importante que o professor pense, reflita e questione a sua prática e a sua visão de mundo.

No processo de ensino e aprendizagem é preciso que seja levado em conta o interesse, a necessidade, a motivação e os conhecimentos prévios dos alunos. A aprendizagem está ligada ao ponto de partida do aluno. Cada um carrega uma bagagem de conhecimentos prévios e é preciso que o professor propicie conexão desses conhecimentos com os conteúdos novos para que haja significado no que está sendo aprendido.

O papel de professor é o de instrumentalizar/potencializar o aluno, ajudando-o a desenvolver as suas capacidades, sempre respeitando a sua história, seu contexto, a sua cultura e suas experiências de vida (FREIRE, 1996), favorecendo espaço para a afetividade, a emoção, a alegria e a interação entre o coletivo da escola, fazendo emergir sentidos a partir das inter-relações que surgem entre o mundo em que vivemos, o conhecimento que produzimos, o professor e o aluno (COSTA, 2003).

É necessário, portanto, ao tratar da prática pedagógica, que o professor escolha uma proposta que contemple a complexidade dessas práticas e de suas finalidades, as quais poderão incorporar subjetividades, singularidades – isto é, as interações – com as quais são vivenciados os processos de ensino-aprendizagem na sala de

aula. Processos esses que se assentam sobre o inacabado, sobre a imaturidade do próprio educando (COLOM, 2004). É um processo progressivo que tem por objetivo fazer com que “os alunos dialoguem com os conhecimentos, reestruturando-se e retendo [cognitivamente] o que é significativo” (SANTOS, 2008, p. 81, [grifo nosso]), sendo uma construção pessoal, reflexiva e contextual.

A metodologia adotada por um professor deve sempre levar a uma prática pedagógica emancipatória, ou seja, uma ação que propicie ao aluno situações de autoconstrução, que o faça pensar, refletir, questionar e que seja comprometida com todas as dimensões do saber. Nesse sentido, é importante que o professor adote uma proposta pedagógica relacional, onde o processo de construção do conhecimento se dá na relação entre professor-aluno e aluno-aluno.

Como sabemos, o papel do professor mudou, se antes ele era visto como um transmissor de conhecimentos, agora são necessárias muitas outras habilidades, tais como, “a capacidade de estimular o interesse por aprender [...] o cuidado com o desenvolvimento afetivo e moral, a atenção à diversidade dos alunos, a gestão da aula e o trabalho em equipe” (MARCHESI, 2006, p. 112), sem as quais fica difícil conseguir com que os alunos progridam na aquisição de um saber.

Para esse autor, a educação deve tratar de manter, de forma coordenada e coesa, três grandes objetivos que são essenciais para uma educação de/do futuro, são eles:

a) despertar o desejo de saber dos alunos – isto é, ampliar os conhecimentos desse aluno;

b) cuidar da sensibilidade e da vida afetiva dos alunos – em muitos casos a preocupação dos professores com o equilíbrio afetivo dos alunos só acontece quando percebem que está perturbando sua dedicação ao estudo. Entretanto, compartilhamos da ideia de Marchesi de que a educação afetiva é uma condição essencial, uma vez que é parte integrante da felicidade humana e, por isso, é preciso estar incluída no projeto educacional das escolas e na ação pedagógica de todos os professores, sem exceção;

c) facilitar o compromisso moral com seus alunos – esse objetivo centra-se na educação moral, que deve ser formulada e vivida nas relações com o outro e deve se consolidar com os princípios que melhor regulam o comportamento humano. A educação moral se apoia no afeto, nas relações socioafetivas e na própria reflexão.

Nesse sentido, uma das formas de se alcançar esses objetivos é pensarmos em uma prática educativa orientada por um viés inclusivo, que vise à promoção de atividades formativas e sociais.

Portanto, é extremamente urgente o professor rever o seu papel na Educação, repensando não só a forma como os alunos aprendem, mas também o que eles aprendem na escola. É necessário que o professor tenha consciência de que a sua maneira de ser, suas crenças e intenções, se revelam no que é ensinado aos alunos.

A afetividade entre professor e aluno pode influenciar de forma positiva no processo de ensino e aprendizagem, propiciando aprendizagens significativas e melhoras no rendimento escolar.

Nesse sentido, Mosquera e Stobäus (2009, p.51), dizem que, “a afetividade, expressa pelos sentimentos, reflete as relações das pessoas, e é essencial para a atividade vital no mundo circundante”. A afetividade influencia no comportamento dos alunos, motivando-os para realizarem as atividades com mais prazer, alegria e entusiasmo, conseqüentemente refletindo diretamente no desenvolvimento cognitivo, propiciando dessa forma, a construção do conhecimento. Através do afeto é que demonstramos nossos sentimentos e isso é o reflexo das relações humanas. Sendo assim o afeto, o carinho e o sentimento devem andar juntos em uma sala de aula, partindo da relação entre alunos e professores, como também no contexto geral da escola.

No ambiente escolar, alunos e professores precisam estar em sintonia afetiva, para que os educandos se tornem sujeitos do seu processo de aprendizagem, isto é, sejam alunos mais criativos, participativos e inovadores. Ressalta-se que a prática pedagógica quando exercida com amor e afeto propicia a coerência entre a teoria e a prática. Diante disso, torna o conteúdo envolvente, oportunizando aos alunos construir suas aprendizagens de forma significativa. Chalita (2001, p.256) diz que:

[...] não é possível dar uma aula sem trocar afeto. Uma das qualidades mais importantes e inerentes do ser humano é a capacidade de amar. É, portanto, a partir dessa capacidade de amar que se estabelecem relações de reciprocidade, afeto e de respeito mútuo entre professores e alunos.

Sinaliza-se que, a sala de aula é um espaço social de trocas de conhecimentos, contudo, de relações afetivas que emergem para tornar aquele

ambiente um espaço de aprendizagem motivador e criativo.

4 Características Pessoais e Estratégias Didáticas: práticas significativas em sala de aula

Ao analisarmos as cartas escritas pelos alunos de uma escola pública do Pará, foi possível observar que algumas características dos professores foram expostas como sendo as mais significativas na relação de ensino e aprendizagem. Dessa forma chegamos a algumas unidades de análise, tais como: boa, legal, alegre, admiro, importante, atenciosa, muito educada, paciente, ensinou muitas coisas, faz os alunos fazerem os trabalhos, gosto muito da sua matéria, fez eu subir na vida, me ajudado a entender.

A partir da análise dos dados, verificamos que as características pessoais e as estratégias didáticas adotadas pelo professor em sala de aula são extremamente significativos para a aprendizagem dos alunos, o que será abordado a seguir como categorias que emergiram da fala dos alunos.

4.1 Características pessoais

Educar é sempre impregnar de sentido todos os atos de nossa vida cotidiana. Entre os saberes e fazeres docentes é despertado relações afetivas entre alunos/professores/escola, em vista de proporcionar a construção do conhecimento, em um contexto marcado de motivação e de boas práticas de convivência.

A prática pedagógica do professor construída de relações de boa convivência e de uma profissionalidade ética, de qualidade e

criativa desperta no educando relações de carinho e de idealização. O aluno lança um olhar sob o professor, como um sujeito transformador, que através de seus ensinamentos conseguirá trilhar o caminho e construir sua identidade. Nesse sentido, o professor compartilha mais do que conhecimentos, compartilha ideias e também o coração (GADOTTI, 2007).

Nesta sociedade contemporânea marcada por avanços tecnológicos, como também pela violência e marginalidade, é preciso educar para o entendimento. Na teia de aprendizados, Gadotti (2007, p.127) diz que “educar é também desequilibrar, duvidar, suspeitar, lutar, tomar partido, posicionar-se”. Dentro dessa prática reflexiva o professor instiga o aluno a pensar autonomamente e se torna um espelho para o seu desenvolvimento integral.

Ao pensarmos sobre as características de um professor, não podemos esquecer que ele é em primeiro lugar um ser humano, com suas habilidades e competências profissionais, mas com suas ideias, necessidades pessoais e limitações. Como pessoa, o professor tem uma história. “Como pessoa todo o indivíduo procura achar um significado na vida e nas coisas da vida [...]” (MOSQUERA, 1976, p. 90). Segundo o autor, é relevante a valorização da intimidade do professor e sua própria pessoa como tal, a qual se constitui através de vínculos que o professor estabelece com outras pessoas.

Assim, a relação que o professor constrói com seu aluno tende a desvelar uma prática pedagógica afetiva, que se define no dia-a-dia da sala de aula, sendo que a afetividade surge e vai se afirmando a partir dessa interação. É através dos sentimentos que o professor consegue a

admiração, o carinho, o afeto e a cooperação dos alunos. A prática pedagógica afetiva é um ato de amor, que transcende para os processos de ensino e aprendizagem, além da sala de aula.

O despertar da alegria, da admiração, da aprendizagem dos alunos são processos de desconstrução que caminham para novas construções para os saberes da escola e para os saberes da vida. Nesse sentido, os ensinamentos do professor ultrapassa o espaço escolar, marcando de forma singular o desenvolvimento do aluno, e de se certa forma colabora para as definições futuras quanto a sua postura na sociedade, como também iluminando os caminhos da profissionalização.

A prática pedagógica estabelecida no viés da afetividade prevê maneiras de trabalhar o conhecimento, privilegiando a competência dialógica e reflexiva dos alunos, e ao mesmo tempo, busca estratégias que tenham como pressuposto levar os alunos a tomar decisões.

Pressupõe-se assim, que as interações que ocorrem no contexto escolar também são marcadas pela afetividade em todos os seus aspectos, desde que sejam espontâneas e verdadeiras. Pode-se dizer, também, que a afetividade se constitui como um fator de muita importância nas relações que se estabelecem entre os alunos e os professores (TASSONI, 2001).

A afetividade do professor com o aluno revela a relação existente entre aluno e professor. As relações positivas contribuem para o processo de ensino e aprendizagem por ambas as partes. A educação fundamenta-se no sentido do professor compreender, ajudar e orientar as pessoas. Já dizia Mosquera (1976), que o envolvimento, a

aceitação e a empatia do professor para com os outros decorrem do desenvolvimento contínuo do professor como pessoa e profissional. “Os bons professores são capazes de identificar-se com as outras pessoas e sentir com elas” (MOSQUERA, 1976, p.119).

É de extrema importância que o professor fundamente sua prática na busca do bem-estar através do autoconhecimento, autoaceitação, autocompreensão, autonomia e de outros aspectos citados por Seligman (2011), como: emoção positiva, engajamento, relacionamentos positivos, sentido e realização. Estas características e conceitos direcionam seus objetivos para a eficácia do ser professor, como pessoa e profissional que fará diferença no desenvolvimento do seu aluno.

4.2 Estratégias didáticas

O dia em que entrei na aula de Física foi mortal. Um homem escuro e baixo, de voz aguda e ciciante, conhecido como senhor Manzi, estava frente à turma com um apertado terno azul segurando uma pequena bola de madeira. Colocou a bola numa canaleta inclinada e a deixou rolar até embaixo. A seguir, começou a dizer: suponhamos que a é igual a aceleração e que t é igual a tempo. E de repente se pôs a rabiscar letras e números e signos sem distinção por todo o quadro-negro, e minha mente deixou de funcionar (SILVIA PATH).

Uma ideia comum entre todas as teorias de aprendizagem é que aprender implica mudar os conhecimentos anteriores. O professor contribui e participa para a aprendizagem dos alunos quando os auxilia a reestruturarem seus conhecimentos, auxiliando-os na assimilação.

Não podemos dizer que há boas ou más práticas didáticas, mas sim condições adequadas ou inadequadas para atingir os fins estabelecidos.

O professor precisa organizar sua prática de forma criativa e que busque uma motivação por parte do aluno.

A organização das atividades de aprendizagem deve estar subordinada ao tipo de aprendizagem que se pretende alcançar, e este por sua vez deve responder às demandas ou necessidades de aprendizagem que se propõem ao aluno. Não há recursos didáticos bons ou maus, mas adequados ou inadequados aos fins perseguidos e aos processos de aprendizagem mediante os quais podem se obter esses fins (POZO, 2002, p. 66)

Nesse sentido, é preciso que os professores, não apenas disponham de recursos adequados, mas que reflitam sobre suas práticas e adotem atitudes estratégicas em relação ao seu trabalho para que os alunos possam aprender a partir desses elementos.

Não haverá aprendizagens estratégicas sem mestres estratégicos. Se os mestres não concebem seu trabalho de ensinar ou instruir como uma tarefa complexa e aberta, como um problema, diante do qual é preciso adotar estratégias diversas conforme as metas concretas, se ensinar é uma tarefa monótona (“cada professorzinho tem seu livrinho”) em vez de uma tarefa diversificada e divertida, dificilmente os aprendizes abandonarão a rotina da aprendizagem monótona (POZO, 2002, p. 244).

Nem todas as situações de aprendizagem ativam com a mesma eficácia os processos necessários para a construção do conhecimento. Dessa forma, é necessário que o professor planeje suas aulas utilizando diferentes estratégias didáticas e proponha tarefas de aprendizagem com problemas, onde os alunos necessitem buscar soluções e não apenas exercícios nos quais se trate apenas de repetir respostas. Segundo Lester (1983, apud POZO, 2002, p. 253), um problema é:

Uma situação que um indivíduo ou um grupo quer ou necessita resolver e para a qual não dispõe de um caminho rápido e direto que o leve à solução. Essa definição diz que uma situação que só pode ser concebida como um problema na medida em que existe um reconhecimento dela com o um problema por parte do aluno e na medida em que este não dispõe de procedimentos do tipo automático que lhe permitam solucioná-la de forma mais ou menos imediata.

Um ponto que deve ser considerado para o planejamento das aulas e para a escolha das estratégias didáticas a serem utilizadas é que cada aluno estabelece mecanismos diferentes para a aprendizagem, ou seja, cada aluno aprende de uma forma. Assim, muitas vezes o que é percebido como problema para um, pode não ser problema para outro aluno, “ou porque ele carece de interesse pela situação ou porque possui os mecanismos para resolver quase sem investimento de recursos cognitivos, que dizer, porque pode transformar a situação num simples exercício” (POZO, 2002, p. 253).

Nesse sentido, uma mesma atividade pode ser percebida como um problema ou como um exercício. No caso dos fóruns de discussão, para alguns alunos a atividade de escrever para um grande grupo pode ser percebido como um problema, pois o aluno terá que usar diversos recursos cognitivos, enquanto que para outros alunos essa atividade pode ser apenas um exercício.

A forma como o professor propõe um problema, guia sua solução e o avalia pode auxiliar a evitar que o mesmo seja mecanizado em exercício por parte do aluno. Conforme aponta Pozo (2002, p. 256), “para que haja verdadeiros problemas, que obriguem o aluno a tomar decisões, planejar e recorrer a sua

bagagem de conceitos e procedimentos adquiridos é preciso que as tarefas sejam abertas, diferentes uma das outras, ou seja, imprevisíveis”.

No entanto, um ponto que é importante salientar é que nem todas as tarefas de aprendizagem necessitam propor um problema para o aprendiz. Os exercícios também se fazem necessários. Quando o professor organiza sua prática dando um equilíbrio entre estratégias didáticas que são exercícios e problemas, isso auxilia o aluno não só a consolidar suas habilidades, como também a conhecer seus limites, diferenciando as condições conhecidas e já praticadas das novas e desconhecidas.

No processo de construção do conhecimento, o aluno é responsável pelo seu aprendizado e o professor é um mediador. Dessa forma, o tempo, o ritmo, os caminhos, as elaborações, enfim, as escolhas, em determinados momentos, são únicas e individuais. Assim, cada um pode e deve assumir a sua própria construção do conhecimento, sendo autor dos seus processos, porque é assim que se dá o processo educativo.

A aprendizagem não deve ser uma atividade mecânica. Alunos e professores precisam adquirir ferramentas bem diversas para enfrentarem atividades variadas nos dias de hoje. Não foram apenas os processos de ensinar que mudaram, mas também os de aprender. Os recursos didáticos devem se basear num equilíbrio entre o que se aprende, como se aprende e em que se aprende.

Considerações finais

Contudo, podemos considerar que as cartas são instrumentos reveladores que anunciam a verdade expressando os sentimentos, os sonhos, e opiniões dos alunos em relação aos professores a quem as cartas são destinadas. Este instrumento representa uma atitude pessoal e autêntica favorecendo as situações de autoconstrução do aluno, além de atuar como um registro interacional de situações interpessoais revelando a visão do aluno a respeito daquele professor.

Dentre as categorias observadas, nas cartas analisadas, a afetividade está muito presente, o que significa que este professor adota uma proposta pedagógica relacional, percebendo o aluno na sua essência como um ser único. Esta postura do professor é fundamental para contribuir com a aprendizagem, uma vez que toda a experiência de aprendizagem tem início com a afetividade e as relações afetivas no espaço escolar iniciam com a atenção destinada aos alunos.

Além da afetividade, as características pessoais também foram apontadas, o que indica que o professor precisa rever seu papel no processo educativo, ele não é apenas um profissional, mas sim uma pessoa que tem em suas mãos a capacidade de estimular o interesse por aprender cuidando também do desenvolvimento afetivo e moral. Como a educação moral e afetiva é dada na relação com o outro, as características pessoais do professor são fundamentais para que este processo tenha bons resultados.

Outro indicador observado na análise das cartas foi a metodologia adotada pelo professor, que significa o quanto o fazer pedagógico está diretamente relacionado à condução dos resultados. Por ter intencionalidade, a metodologia deve ser constantemente questionada pelo próprio professor, ou seja, a reflexão sobre a prática deve ser um exercício constante e a leitura das cartas favorece esta reflexão, pois o professor pode se enxergar sob o olhar do aluno. Mesmo que o professor seja a referência para o aluno, ele precisa saber como estes referenciais estão sendo interpretados, uma vez que os princípios presentes no fazer

Referências

BRANDÃO, A. C. P. **Leitura e produção de textos na alfabetização**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

CHALITA, G. **Educação: A solução está no afeto**. São Paulo: Editora Gente, 2001.

CHARTIER, R. *La correspondance: les usages de la lettre au XIX siècle*. Paris: Fayard, 1991.

COLOM, A. J. **A (des)construção do conhecimento pedagógico: novas perspectivas para a educação**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

COSTA, W. M. M. **Pedagogia e complexidade: uma articulação necessária**. In: CARVALHO, E. de A.; MENDONÇA, T. (Org.). *Ensaio de complexidade 2*. Porto Alegre: Sulina, 2003. p. 266-275.

CUNHA, M. T. S. **Na plataforma do Escrito: Cartas entre Professoras**. Florianópolis: Udesc, 2008

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

pedagógico são expressos através da metodologia, esta deve ser dinâmica e seguidamente repensada.

Em suma, as cartas como instrumento de pesquisa podem revelar muito mais do que a visão dos alunos a respeito de seus professores. Este instrumento vai além, proporciona mais do que indicadores para pesquisa, favorecendo momentos de reflexão tanto de quem elabora a escrita como de quem faz a leitura provocando a análise sob diferentes olhares e perspectivas – de quem escreve, a quem se destina e do próprio pesquisador.

GADOTTI, M. **A escola e o professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar**. São Paulo: Publisher, 2007.

LINS e SILVA, M. E. **“Cara professora”: as práticas de escrita de um grupo de docentes**. 2004. Tese Doutorado – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

MARCHESI, A. **O que será de nós, os maus alunos?** Porto Alegre: Artmed, 2006.

MORAES, A. A. **Fishing cast net: the use of letters in a study**. *Interface - Comunic., Saúde, Educ.*, v.10, n.19, p.169-84, jan/jun 2006.

MOSQUERA, J. J. M. **O professor como pessoa**. Porto Alegre: Sulina, 1976.

MOSQUERA, J. J.M; STOBBAUS, C. D. **Educação pela afetividade: considerações para futuros educadores**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

SANTOS, A. **Complexidade e transdisciplinaridade em educação: cinco princípios para resgatar o elo perdido**. *Revista Brasileira de Educação*, v. 13, n. 37, p. 71-84, 2008.

POZO, J. I. **Aprendizes e Mestres: a nova cultura da aprendizagem**. 2002.

SERRA, D. T. S. **Afetividade, Aprendizagem e Educação Online**. Disponível em: <http://bib.pucminas.br/teses/Educacao_SerraDT_1.pdf>. Acesso em: 26 Nov. 2011.

SELIGMAN, M. E. P. **Florescer: uma nova compreensão sobre a natureza da felicidade e do bem-estar**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

TASSONI, E. C. M. **Afetividade e produção escrita: a mediação do professor em sala de aula**. 2000. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação: UNICAMP, 2000.

Artigo submetido em abril de 2012
Aceito em julho de 2012